



CULTURA E IDENTIDADE: A INTELIGÊNCIA ASTUCIOSA E OS MITOS

Francisco Antonio Pereira Fialho*
Daniela Fanucchi Moussa Boulos**

Resumo: Este artigo utiliza a mito hermenêutica para articular conceitos como cultura e identidade. A discussão gira em torno do conceito de inteligência astuciosa (métis) e dos deuses que a possuem: Zeus, Prometeu e Héfestos. Através dos mitos, pretende-se demonstrar que a cultura se dá pela sublimação da identidade.

Palavras-chave: Mitohermenêutica. Inteligência Astuciosa. Cultura. Identidade.

Abstract: This article uses myth hermeneutics to articulate concepts such as culture, and identity. The discussion revolves around the concept of cunning intelligence (metis) and the gods who possess it: Zeus, Prometheus and Hephaestus. Through myths we propose that culture can only occur with the sublimation of identity.

Keywords: Myth hermeneutics. Cunning intelligence. Culture. Identity.

* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
Professor Titular, Doutor.
Email: fapfialho@gmail.com

** Colégio Vila Olímpia
Professora.
Graduação em Fotografia.
Email: daniela_moussa@hotmail.com



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Segundo Eliade (1963), mito se refere à invenção, à fábula e à ficção.

A palavra mito vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para os outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa [...]. (CHAUÍ, 1997, p. 28).

Quem narra o mito é o poeta, alguém escolhido pelos deuses para através da palavra introduzir uma revelação divina. Em decorrência, o mito mostrava-se como incontestável e inquestionável.

Jung fala que o sonho é individual e o mito é o sonho coletivo. Assim, tem-se uma primeira relação entre linguagem e cultura, entendida aqui como o conjunto de histórias com as quais um grupo de indivíduos se identifica. Identidade tem a ver com o reconhecimento de que “essas histórias” me pertencem, falam de mim, do meu povo. Conforme Eliade (1963, p. 11), “[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’”.

Nesse contexto, este artigo apresenta como tema a articulação entre cultura, identidade e linguagem (cognição). Essa articulação é feita através da interpretação hermenêutica do mito de Métis, a deusa da prudência, filha de Oceannus e Tétis, que tinha o poder de se auto-transformar. Seu nome significava “sabedoria astuciosa”.

A cultura humana, na visão psicanalítica, segundo Freud (1996, p. 20), foi construída às expensas da satisfação pulsional (renúncia do prazer). A sublimação só ocorre, no entanto, se houver uma ressonância simbólica entre a história de vida do sujeito e suas ações. O processo de sublimação é ilustrado pela interpretação hermenêutica do mito de Prometeu, titã que rouba de Zeus a centelha divina (inteligência astuciosa), para dar aos homens. A inteligência astuciosa é quem cria a cultura.

Zeus, irado, castiga Prometeu e os homens. Ao homem, Zeus envia Pandora, que traz consigo as desgraças e a sexualidade, mas também a fecundidade, a capacidade de gerar filhos e de produzir o novo. Pandora é a mulher. O homem e a mulher formam a



família. Conforme Bachelard (1999), se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. Segundo Chauí (1997, p. 29), para os homens, “[...] o fogo é essencial, pois com ele se diferenciam dos animais [...]”. No caso, o elemento fogo representa a inteligência astuciosa.

Enquanto o homem é condenado ao trabalho, o titã Prometeu, acorrentado, tem seu fígado devorado por uma águia. Esse é o preço da cultura, o sacrifício da identidade original e a substituição desta pelo aceite da projeção do outro como construtora de uma identidade “em grupo”.

Cosmogonia refere-se ao nascimento do mundo. *Gonia* vem de verbo *gennao* (engendrar, gerar, fazer nascer) e *genos* (nascimento, gênese, descendência). Teogonia é a narrativa da origem dos deuses, pois *theos* quer dizer coisas divinas, deuses (CHAUÍ, 1997).

Além da origem dos deuses, o mito pode contar a origem dos homens. Existem várias versões sobre a origem dos humanos. Em uma delas, segundo Hamilton (1991), criar os homens foi tarefa realizada por Prometeu e seu irmão Epimeteu.

Epimeteu, antes de criar o homem, cria os animais e concede a eles todos os dons (a força, a rapidez, a coragem, a astúcia, os pelos, as penas, etc.). Nada restou para os homens. Epimeteu se arrepende e recorre ao irmão Prometeu que, para tornar os homens superiores, cria-os com a verticalidade dos deuses e, ainda, rouba de Zeus uma centelha de fogo.

Então, o homem surge a partir da mistura de sementes celestiais, terra e água. É ereto e pode, com a cabeça erguida, olhar o céu e as estrelas (BULFINCH, 2002). “E ora, embora débil e mortal, a humanidade tem o fogo chamejante, a partir do qual aprende muitas artes”. (HAMILTON, 1991, p. 94).

Em Hesíodo, as palavras são forças divinas. As palavras são deusas nascidas de Zeus e Mnemosine (a Memória), as Musas. [...] A luta de Zeus pelo poder e a manutenção do poder por Zeus é o centro da visão do mundo apresentado em Teogonia [...]”. (HESÍODO, 2001, p. 98).

A linguagem é esse ser vivo que se articula em prosa ou poesia e narram histórias inspiradas pelas diferentes musas. Cada uma dela tem um papel civilizatório. Um conjunto de histórias determina uma cultura. As identidades se rendem às culturas.



Renunciamos a ser quem somos para nos transformar nos heróis, segundo as histórias. Na Grécia antiga todos queriam ser Aquiles e vivenciar uma bela morte.

Em Hesíodo, o homem (*anthropos, homo, humus*) aparece como descendente de Epimeteu e Pandora e ganha a vida com o suor de seu trabalho.

As cinco idades de que fala Hesíodo (1996) apresentam um esquema que cumpre três funções: em primeiro plano, domínio da justiça (Dike) (ouro e prata); em um segundo plano, domínio da desmedida (Hýbris) (bronze e heróis); no terceiro plano, coexistência dos contrários bem e mal, homem e mulher, nascimento e morte, abundância e penúria, felicidade e desgraça.

1. Idade do ouro (símbolo da realeza): a terra produzia espontaneamente, não existia trabalho. Os homens não envelheciam e quando deixavam a vida, tornavam-se intermediários entre os deuses e os vivos, passando a ser guardiães dos homens, mantenedores da justiça, favorecendo a fecundidade da terra e dos rebanhos.

2. Idade de prata: embora se mantenham afastados da guerra e dos labores campestres, são inferiores aos homens da idade de ouro, pois se negam a oferecer sacrifícios aos deuses e a reconhecer a soberania de Zeus.

3. Idade de bronze: foram criados por Zeus, tendo como matriz os freixos (tipo de árvore/madeira especial), têm como característica a violência bélica, não se preocupam com o trabalho da terra e sucumbem à guerra.

4. Idade dos heróis: criados por Zeus como uma raça justa e brava, como semideuses, submetendo-se à ordem da justiça.

5. Idade de ferro: os homens estão submetidos às doenças, à velhice, à morte, às incertezas, a Pandora, ao trabalho. “A necessidade de sofrer e batalhar na terra para obter o alimento é igualmente para o homem a necessidade de gerar através da mulher, nascer e morrer, suportar diariamente a angústia e a esperança de um amanhã incerto [...] o bem e o mal são solidários e indissolúveis”. (BRANDÃO, 1987, p. 178).

É da Idade de Ferro o lugar em que esse artigo foi escrito.

2. O mito de Métiis

Detienne e Vernant (2008), na obra “Métiis – Astúcias da inteligência”, definem “métiis” como uma forma de inteligência – a inteligência astuciosa: “[...] a métiis não é mais que um componente de certos saberes ou de alguns poderes detidos por um



pequeno grupo de deuses, cujas atividades são funcionalmente orientadas para os domínios, onde prevalece esta forma de inteligência”. (DETIENNE; VERNANT, 2008, p. 276).

Métisé, deusa da saúde, proteção, astúcia, prudência e virtudes. Foi a primeira esposa de Zeus, que forneceu a bebida que fez Cronos regurgitar todos os filhos que havia engolido. Foi essa forma de inteligência, a inteligência astuciosa, que permitiu a Zeus conquistar o poder: métis, a astúcia, a capacidade de prever todos os acontecimentos.

Como sua mãe Tétis, Métis tem o poder de se metamorfosear, de assumir todas as formas. É capaz de virar animal selvagem, formiga, rochedo, tudo o que quiser. Conta Vernant, em “O universo”, que os deuses, os homens, “Zeus interroga Métis: - Podes de fato assumir todas as formas, poderias ser um leão que cospe fogo? Na mesma hora, Métis se torna uma leoa que cospe fogo. Espetáculo aterrador. Zeus lhe pergunta depois: - Poderias também ser uma gota d’água? - Claro que sim. - Mostra-me”. E, mal ela se transforma em gota d’água, ele a sorve.

Pronto! Métis está na barriga de Zeus. Mais uma vez a astúcia funcionou.

Quando Métis estava grávida de Zeus, Gaia profetizou que Métis teria dois filhos: a primeira, Tritogenia, seria igual a Zeus em força e sabedoria, e o segundo, se fosse gerado, seria rei de homens e deuses.

Zeus não se contenta em engolir seus eventuais sucessores (como havia feito seu pai Cronos): ele agora encarna, no correr do tempo, no fluxo temporal, essa presciência artilosa que permite desfazer antecipadamente os planos de qualquer um que tente surpreendê-lo ou derrotá-lo. Sua esposa Métis, grávida de Atena, está em sua barriga. Assim, Atena não vai sair do regaço da mãe, mas da cabeça do pai, que é agora tão grande quanto o ventre de Métis. Zeus dá uivos de dor. Prometeu e Héstos são chamados para socorrê-lo, chegam com um machado duplo, dão uma boa pancada na cabeça de Zeus e, aos gritos, Atena sai da cabeça do deus, jovem donzela já toda armada com seu capacete, sua lança, seu escudo e a couraça de bronze. Atena é a deusa inventiva, cheia de astúcia. Ao mesmo tempo, toda a astúcia do mundo está agora concentrada na pessoa de Zeus.

O conceito de Métis é amplo. Pode ser definida como “uma potência de astúcia e engano” (VERNANT, DÉTIENNE, 2008, p. 29), que concede ao seu detentor a pos-



sibilidade de mobilizar a astúcia (dólos), saber aproveitar-se das vantagens (kérde), apreender as ocasiões particulares e dominá-las (kairós):

Vernant e Détienne adiantam a complexidade da métis, na introdução de seu livro, quando afirmam que ela é uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso. (VERNAND; DÉTIENNE, 2008, p. 11).

Dentre os seres que se nutrem de néctar e ambrosia, o titã Prometeu é um dos que detêm a potência da astúcia. Além dele, temos o Deus Criador Héfestos.

3. O Mito de Prometeu

Freud faz uma alusão ao mito prometeico no texto “A Aquisição e o Controle do Fogo”, datado de 1931. Em “O Mal Estar na Civilização”, escrito um ano antes, já havia uma referência a temática do controle do fogo, e, ao referir-se aos atos civilizatórios afirma, que “[...] os primeiros atos da civilização foram a utilização de instrumentos, a obtenção do controle do fogo e a construção de habitações.” (FREUD, 1930, p. 109)

Prometeu é citado por Freud como o titã criador dos homens que rouba o fogo divino e o esconde em uma fêrula oca. Freud traça um paralelo entre o caule de funcho e o pênis, sendo que, enquanto o caule contém o fogo, o pênis contém a urina, a água, e assim a possibilidade de apagar o fogo. Se há alguém a quem Prometeu pretendia enganar, não seria a Zeus e sim ao próprio id, através de uma renúncia. “[...] A vida pulsional - o id - é o deus que é defraudado quando se renuncia à extinção do fogo: na lenda, o desejo humano transforma-se em privilégio divino”. (FREUD, 1932, p. 29).

Portanto, a cultura é possível na medida em que renunciamos da nossa verdadeira identidade.

Segundo Freud (1932), o mito prometeico apresenta o fogo “[...] como algo análogo à paixão do amor, [...] um símbolo da libido. O calor que se irradia do fogo



evoca a mesma sensação que acompanha um estado de excitação sexual, e a forma e os movimentos de uma chama sugerem um falo em atividade”. (FREUD, 1932, p. 232).

Prometeu faz uma renúncia pulsional em nome da civilização. Ele sacrifica a sua individualidade para pertencer a um grupo. “[...] de que a obtenção do fogo teve por pressuposto uma renúncia pulsional, então a lenda expressa abertamente o ressentimento que a humanidade conduzida por suas pulsões teve que sentir contra o herói cultural”. (LAPLANCHE, 1985, p. 138). Segundo Laplanche (1985, p. 139), “Prometeu é punido não onde ele pecara, mas por onde tivera feito a humanidade pulsional sofrer ou, digamos, feito sofrer o id”. Prometeu é punido na sede dos próprios desejos, revelando-se aí a culpabilidade.

Em épocas primitivas, o fígado era considerado a sede de todas as paixões e desejos; daí, uma punição como a de Prometeu ter sido correta para um criminoso que se deixara arrastar pelo instinto [pulsões], que havia cometido uma ofensa sob a instigação de maus desejos. Contudo, justamente o oposto é que se verifica com o Portador do Fogo: ele renunciara a um instinto [pulsão] e tinha mostrado o quão benéfico e, ao mesmo tempo, quão indispensável era essa renúncia, para os propósitos da civilização. (FREUD, 1932, p. 230).

Freud associa, ainda, a ave que se alimenta do fígado com o pênis, também encontrada no caso da Fênix, consumida pelo fogo e rejuvenescida novamente. Sobre estes dois mitos esclarece Freud:

Cada um deles descreve o revivescimento de desejos libidinais depois de estes terem sido extintos pela saciedade. Ou seja, cada um deles se refere a indestrutibilidade desses desejos; e essa ênfase é particularmente apropriada como consolo, ali, onde o cerne histórico do mito aborda a derrota da vida instintual, com uma renúncia ao instinto que se tornou necessária. É por assim dizer, a segunda parte de uma reação compreensível do homem primitivo quando este sofreu um golpe em sua vida instintual: após a punição do delinquente, vem a garantia de que, enfim, no fundo, ele não causou nenhum prejuízo. (FREUD, 1932, p. 232).

Segundo Laplanche (1989, p. 160), Prometeu seria um herói antilibidinal, pois o que acontece com Prometeu é a repressão, sendo que, “[...] a repressão é a renúncia consciente ou ainda a renúncia imposta ao outro nesse mito do herói cultural”.

Bachelard (1999), em “A Psicanálise do Fogo” afirma que o fogo aparece como um elemento social mais do que natural, pois a cultura determina uma relação entre os sujeitos e o fogo, sendo que o fogo aparece como um elemento de interdição social,



Surge, aqui, o mistério para a criança frente à sabedoria do pai, que o interdita em relação ao fogo. A criança se questiona como o pai sabe sobre o poder do fogo. A partir disso, Bachelard (1999) traz um conceito novo, apresentando o Complexo de Prometeu que se refere a “[...] todas as tendências que nos impelem a sabermos tanto quanto nossos pais, mais que nossos pais, tanto quanto nossos mestres, mais que nossos mestres”. (BACHELARD, 1999, p. 18). E acrescenta que o “[...] complexo de Prometeu é o complexo de Édipo da vida intelectual [...]” (BACHELARD, 1999, p. 19), ou seja, estariam presentes aqui pulsões relacionadas à busca em aperfeiçoar o conhecimento, a temática do fogo está relacionada ao saber. “[...] Não é apenas na arte que se sublima a libido. Ela é a fonte de todos os trabalhos do homo faber”. (BACHELARD, 1999, p. 47)

Laplanche (1989, p. 129) cita Bachelard afirmando que o fogo está atrelado à questão da sublimação, pois o fogo “[...] é a metáfora primordial da sublimação [...]”, embora não apresente qual a articulação possível, além da possibilidade de transformação da matéria.

Além de Zeus e Prometeu, Héstos, o Deus Criador, o artífice dos olímpianos, é outro que possui Métis, é outro que pode lançar mão da linguagem por meio da inteligência astuciosa e criar ou modificar culturas. Identidade, linguagem e cultura em uma dança contínua, um jogo infinito, movido pela inteligência astuciosa.

4. O Mito de Héstos

Pandora, a mulher, o feminino, o par ideal, é uma criação de Héstos, justamente do deus que embora coxo, com defeitos físicos, é o deus do fogo, com poderes para a criação, capaz de criar o belo, embora nele algo se denuncie como diferente, faltante.

Héstos é quem inventa a mulher, modelando-a do barro, dando-lhe dons, mas a cria como mulher mortal trazendo mazelas aos homens. Pandora, obra de uma criação, é quem permite que a humanidade a partir de então se reproduza.

Pandora representa, ela mesma, a criação e a capacidade de gerar, a fecundidade, a invenção e o trabalho. Pandora é feita do barro, como anteriormente o homem também o fora e também o jarro que contém todas as mazelas humanas. Pandora, de certo modo, presentifica a capacidade criativa, sendo ela mesma um produto da criação.



O fogo divino e natural de Zeus se refere à espiritualidade, a uma intelectualização superior. O fogo de Zeus, a quem tudo pode, tudo sabe. O deus que representa a lei e o destino ao qual não se pode escapar. Zeus, por ter a chama divina, pode satisfazer seus desejos, mas, embora ele saiba o que vai acontecer, deixa-se enganar.

O fogo de Héstos pode criar o novo a partir da lama. Ter um defeito o qualifica como criador, porque algo falta. Héstos é o deus criativo, que cria obras de arte, o deus que se coloca no lugar de Prometeu para salvá-lo. Esta passagem parece remeter à questão do fogo divino somado ao fogo roubado, ou seja, a vida de Héstos é trocada pelo castigo de Prometeu e, então, os homens podem ter a centelha divina, a arte de criar. Diz Prometeu: “Os homens devem-me todas as artes”

Lacan (1997, p. 151) considera o vaso, a criação do oleiro em torno do vazio, como o primeiro significante modelado pelas mãos do homem e pode ser considerado o elemento mais primordial da indústria humana, um instrumento, um utensílio, que nos permite afirmar a presença humana onde quer que o encontremos.

O vaso, jarro, é o exemplo de sublimação em Lacan, pois representa a existência do vazio no centro do real, a Coisa. Jarro e mito que contornam e modelam o vazio, com significantes. Criar em torno do nada, elevar o objeto à dignidade de das Ding, um objeto que representa a Coisa, que anuncia o belo, mas que presentifica a falta.

É Pandora quem representa o bem e o mal, a possibilidade de escolha, condição essencial para que possa ocorrer a sublimação. É porque é dada a possibilidade de escolha que o homem pode sublimar (separar-se daquilo que é impuro).

Enquanto Freud traz a questão do mito como a possibilidade dada ao homem de renunciar a apagar o fogo, outra leitura hermenêutica do texto reenvia o mito de Prometeu à questão da sublimação. Prometeu não é o deus da sublimação, mas é quem ilumina o homem com a inteligência astuciosa, inteligência esta que permite ao homem interpretar a situação, fazer o diferente, ser reconhecido pela cultura, através de sua obra.

Zeus castiga Prometeu a ter seu fígado devorado por uma águia e seu flagelo só terá fim quando outro deus, no lugar de Prometeu, puder ser sacrificado. Ora é Héstos que por sofrer com os pés doentes (Pés-Tortos) acaba por morrer em lugar de Prometeu, ora é Hércules quem salva Prometeu matando a águia e libertando-o. Zeus, então,



renuncia ao ódio contra Prometeu, para glorificar seu filho Héracles. “Filho de Jápeto, sobre todos hábil em tuas tramas, apraz-te furtar o fogo fraudando-me as entranhas; grande praga para ti e para os homens vindouros! Para esses em lugar do fogo eu darei um mal e todos se alegrarão no ânimo, mimando muito este mal.” (HESÍODO, 1996, p. 27).

Zeus [...] ordenou então ao ínclito Héfestos muito velozmente terra à água misturar e aí pôr humana voz e força, e assemelhar de rosto às deusas imortais esta bela e delectável forma de virgem; e a Atena ensinar os trabalhos, o tecido tecer; e á áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça, terrível desejo e preocupações devoradoras de membros. [...] Pandora, porque todos os que têm olímpia morada deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão. (HESÍODO, 1996, p. 27).

Segundo Brandão (1999), quem modela Pandora é Héfestos, o deus do fogo, nascido nas águas celestes. Héfestos é filho de Hera. Hera gerou sozinha seu filho, uma resposta ao fato de Zeus ter gerado Atena de sua própria cabeça. Héfestos “[...] já teria nascido coxo e deformado. Humilhada com a fealdade e a deformação do filho, Hera o lançou do alto do Olimpo”. (BRANDÃO, 1999, p. 45).

Héfestos cai no mar, sendo recolhido em uma gruta, por nove anos, realizando seu período iniciático, em que aprende a trabalhar o ferro, o bronze e outros metais preciosos, “[...] tornando-se o mais engenhoso dos filhos do céu”. (BRANDÃO, 1999, p. 45). Héfestos, além do fogo, tem o poder de atar e desatar, é o xamã dos nós, que tem a magia por ser o deus do fogo, é capaz de transformar.

No mito de Prometeu, é Héfestos quem salva Prometeu de seu tormento, pois como anuncia Hermes: “Não esperes um fim para a tua tortura, a menos que apareça por aqui um deus disposto a te substituir no sacrifício”. (ÉSQUILO, 1975). Este deus é Héfestos, o Pés-Tortos, o Coxo.

Ainda sobre Pandora:

[...] a Zeus tíntruo e enraivou seu coração ver entre homens o brilho longevivo do fogo. E criou já ao invés do fogo um mal aos homens: plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos como virgem pudente [...] Após ter criado belo o mal em vez de um bem levou-a lá onde eram outros deuses e homens adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte. [...] Dela descende a geração das femininas mulheres. Dela é a funesta geração e grei das mulheres, grande pena que habita entre homens mortais, parceiras não da penúria cruel, porém do luxo (HESÍODO, 1996, p. 49).



Segundo Diel (1991), pode-se pensar que o mito “[...] assinala esse traço distintivo contemplando o princípio geral da criação (o espírito e seu reinado final exercido por Zeus) com o princípio específico do advento do ser consciente, o intelecto, simbolizado por Prometeu”. (DIEL, 1991, p. 221).

O fogo, ao ser roubado, perde sua significação divina e espiritualizante. Os deuses representam um ideal evolutivo, mas quando roubado para vitalizar o ser construído de lama, o fogo representa ainda a intelectualização, porém em condição menor.

O fogo é bastante adequado para representar o intelecto, não somente porque permite à simbolização representar, por um lado, a espiritualização (luz) e a sublimação (calor) e, por outro, a perversão (qualidade destrutiva do fogo), mas também porque, no plano real da história evolutiva do ser intelectualizado, na história da humanidade, a descoberta do fogo (simbolicamente o fogo trazido pelo Titã-Intelecto, Prometeu) desempenha um papel predominante, estreitamente ligado à eclosão do intelecto tanto sob sua forma positiva quanto negativa. (DIEL, 1991, p. 225).

Em Ésquilo (1975), o fogo roubado é o mestre de todas as artes, portanto possui uma função técnica geral, é o pai de todas as técnicas. Temos um “[...] ser dotado de pensamento, capaz de organizar e de dominar a vida com seu trabalho”. (VERNANT, 2002, p. 323).

Em Teogonia, ocorre a disputa entre o titã Prometeu e o deus Zeus. Segundo Diel (1991), o mito de Prometeu conta a história do despertar da consciência, pois Prometeu é um titã, mas diferente de outros titãs, representa a terra habitada por seres vivos, seres que desejam. Prometeu representa ainda a intelectualização, pois significa o pensamento previdente. Prometeu, com seus artifícios intelectuais, ensina aos homens como enganar aos deuses e ficar com a melhor parte dos sacrifícios sangrentos.

Em Teogonia, os homens se alimentam de carne de boi e, em “Os Trabalhos e os Dias”, pelos produtos da terra cultivada. “Os homens que comem pão são mortais e os deuses que comem ambrosia são imortais” (VERNANT, 2002, p. 61). O homem passa a existir como um elemento diverso dos animais, e também diferente dos deuses.

Prometeu oferece aos homens o fogo técnico, não um fogo natural, mas o fogo cultural, pois é um fogo transportado em uma fôrula porque ali há substâncias combustíveis que mantêm a chama acesa. Zeus esconde o fogo natural e Prometeu



transporta o fogo artificial. Este ato aponta para o artifício: um fogo técnico que surge no lugar de um fogo natural. É a natureza cedendo espaço à cultura.

Ao presentear Epimeteu com Pandora, Zeus muda sua forma de agir, “[...] contrariamente ao que até então acontecia, ao invés de tirar algo, acrescenta” (VERNANT, 2002, p. 60). Com a vinda de Pandora, surge a necessidade de o homem trabalhar, pois até então o homem vivia como imortal.

É com este mito que Hesíodo justifica a necessidade do trabalho como uma das contingências humanas, surgida devido à resposta dada pelo Cronida ao titã, por ter sido por ele enganado. Tendo escondido o fogo (pyr), o homem, desfalcado, precisa trabalhar para subsistir. (HESÍODO, 1996, p. 64).

Pandora é um produto da cultura, é fabricada, obra de um artista, Héstos (o deus do fogo). Héstos é o único deus com deformidade física e o único deus que trabalha. Héstos não tem pai, o que representaria ausência da tradição, dos valores socialmente aceitos. Héstos é abandonado pela mãe, voltando-se para si mesmo e, a partir daí, aprende a arte de criar o novo. Através da criatividade Héstos, pode-se elaborar sua raiva e agressividade, frente ao abandono materno. Aparece como o deus da iniciação e do espiritual, simboliza o princípio criativo.

O fogo de Héstos simboliza a nova consciência que brota do inconsciente, representa a possibilidade de “[...] agir como a natureza age”. (BOECHAT, 1995, p. 60).

Héstos, a mando de Zeus, modela Pandora, com o auxílio dos imortais, uma mulher ideal semelhante às deusas imortais. “[...] O mensageiro dos deuses concedeu-lhe o dom da palavra e chamou-a Pandora, porque são todos os habitantes do Olimpo que, com este presente, ‘presenteiam’ os homens com a desgraça”. (BRANDÃO, 1999, p. 168).

5. Considerações Finais

Este artigo utilizou a ilustração hermenêutica do mito para articular cultura, identidade, linguagem e preservação de patrimônios intangíveis. A hermenêutica aponta para a possibilidade de interpretação do mito, pois este se mostra com significados múltiplos que favorecem o deslizar de significantes, na busca de novas interpretações.



Cultura é o mito que é transmitido de geração em geração, fruto da criatividade daqueles que o transmitem e que estabelece laço social, dando sentido para situações que a princípio não teriam um significado único.

Os mitos de Métis, Prometeu e Héfestos trazem para os homens um sentido para a inteligência astuciosa.

O fogo que ilumina e que a princípio é dádiva apenas dos deuses, é que permite aos homens assumir sua humanidade e construir a civilização. Em Prometeu e Pandora, a sublimação decorrente do fogo iluminador permite a imortalidade do mortal, que se eterniza na civilização através do trabalho, que constrói a cultura.

É com a chama da criatividade, inteligência astuciosa, que é possível ir além da lei de Zeus, embora os homens reconheçam a lei deste pai, pois pagam pelo crime cometido por Prometeu com o trabalho, que ao mesmo tempo se mostra como a possibilidade de alcançar a satisfação pulsional.

Enfim, concluímos com a reflexão de que se Atena, a Sabedoria, permite-nos ser igual aos deuses, o segundo filho que Zeus teria com Métis e que, segundo Prometeu, seria maior que o pai, é a ARTE. Se pela sabedoria nos igualamos aos deuses, pela arte podemos e devemos ir além.

Referências

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

BOECHAT, W. **Mitos e arquétipos do homem contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.60.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes 2002.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

DÉTIENNE, Marcel. VERNANT, Jean-Pierre. **Métis– As astúcias da inteligência**. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

DIEL, Paul. **O Simbolismo da Mitologia Grega**. São Paulo: Attar, 1991



- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1963.
- ÉSQUILO. **Teatro completo**. Lisboa: Estampa, 1975.
- FREUD, S. **O mal estar na civilização**. (1930[1929]). Companhia das Letras.
- _____. A aquisição e o controle do fogo. ((1932 [1931])). Imago
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias (primeira parte)**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- _____. **Teogonia**: a origem dos deuses. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HAMILTON, E. **A mitologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- HOMERO. **Odisséia**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s/d]. .
- LACAN, J. (1997 [1959-60]). **O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAPLANCHE, J. 1989. **Vie et mort em psycanalyse**. Artes Médicas, 1985.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Entre Mito e Política**. 2. ed. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2002.

Submetido em: 30/08/2016. Aprovado em: 21/11/2016.

